

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v4n2a2023.2>



Título

Contribuições dos facilitadores ead em eventos síncronos: percepções dos graduandos da UNIVESP

Autores

Alba Regina Ferreira de Camargo

Elias Rodrigues Santana

Gabriel Bazo

Livia Viana Ribeiro da Silva

Priscila Lopes de Godoy

Glauce Barbosa Verão

Ano de publicação

2023

Referência

CAMARGO, Alba Ferreira; SANTANA, Elias Rodrigues; BAZO, Gabriel; SILVA, Livia Viana Ribeiro; GODOY, Priscila Lopes; VERÃO, Glauce Barbosa. Contribuições dos facilitadores ead em eventos síncronos: percepções dos graduandos da UNIVESP. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, 2023.

Recebimento: 25/09/2023

Aprovação: 13/11/2023

CONTRIBUIÇÕES DOS FACILITADORES EAD EM EVENTOS SÍNCRONOS: PERCEPÇÕES DOS GRADUANDOS DA UNIVESP

CONTRIBUTIONS OF EAD FACILITATORS IN SYNCHRONOUS EVENTS: PERCEPTIONS OF UNIVESP UNDERGRADUATES

Alba Regina Ferreira de Camargo*

Elias Rodrigues Santana**

Gabriel Bazo***

Livia Viana Ribeiro da Silva****

Priscila Lopes de Godoy*****

Glauce Barbosa Verão*****

Resumo: As aprendizagens resultantes de interações intermediadas por recursos midiáticos apresentam características próprias, utilizam novos elementos de comunicação e ambientes virtuais cada vez mais adaptados aos conteúdos e atividades propostas pelas instituições de ensino. Porém ainda necessitam de mediadores humanos, gerando ações que influenciem na qualidade dessas aprendizagens, interligando as informações apresentadas às apreensões afetivas e cognitivas dos

* Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP. Contato: arfcamargo66@usp.br

** Mestrado em Ciências pelo Programa de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Saúde (FO/FSP/EE/IP- USP). Contato: elias3jee@gmail.com

*** Professor Assistente I de Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: gabriel.bazo@baraodemaua.br

**** Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Contato: livia.viana@usp.br

***** Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP e Professora da Educação Básica. Contato: prisdegodoy@gmail.com

***** Doutorado em Matemática pela USP. Professora na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP).

milhares de estudantes que recorrem ao ensino a distância. Na pesquisa realizada na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), foi estudada a influência dos "Facilitadores de Aprendizagem" sobre a experiência de alunos de graduação. Através de um questionário de associação livre e entrevistas semiestruturadas, identificou-se que palavras como "didática", "explicação", "ajuda", "clareza" e "dúvidas" eram frequentemente associadas aos Facilitadores nas sessões ao vivo, conhecidas como "Lives". Estudantes selecionados para entrevistas aprofundadas revelaram que a didática dos Facilitadores, é crucial para o processo de aprendizagem. Eles também destacaram a importância do apoio dos Facilitadores no contexto do ensino a distância, percebido como uma experiência mais solitária. Além disso, os Facilitadores são vistos como uma ponte vital entre os estudantes e os professores autores dos cursos, ajudando a superar a sensação de distância nas aulas assíncronas. Consequentemente, as ações dos Facilitadores são percebidas como elementos que promovem proximidade afetiva e interação, sendo fundamentais para a eficácia da aprendizagem e para mitigar as limitações do ensino a distância.

Palavras-chave: Educação a distância; Facilitadores de Aprendizagem; Didática; Distância Transacional;

Abstract: The learning outcomes from interactions mediated by media resources have their own characteristics, utilizing new communication elements and increasingly adapted virtual environments to the content and activities proposed by educational institutions. However, they still require human mediators, generating actions that influence the quality of these learnings, linking the presented information to the affective and cognitive apprehensions of the thousands of students who resort to distance learning. In research conducted at the Virtual University of the State of São Paulo (UNIVESP), the influence of "Learning Facilitators" on the experience of undergraduate students was studied. Through a free association questionnaire and semi-structured interviews, it was identified that words such as "didactics", "explanation", "help", "clarity", and "doubts" were frequently associated with the Facilitators in live sessions, known as "Lives". Students selected for in-depth interviews revealed that the didactics of the Facilitators are crucial to the learning process. They also highlighted the importance of the Facilitators' support in the context of distance learning, perceived as a more solitary experience. Furthermore, the Facilitators are seen as a vital bridge between students and the professors who author the courses, helping to overcome the feeling of distance in asynchronous classes. Consequently, the actions of the Facilitators are perceived as elements that promote affective

proximity and interaction, being fundamental for the effectiveness of learning and to mitigate the limitations of distance education.

Keywords: Distance learning; learning facilitators; didactics; transactional distance.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional tem sido profundamente influenciado pelo uso das tecnologias digitais, com destaque para a Educação a Distância (EAD). Esta modalidade, fortalecida pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), foi oficializada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394 de 1996). Com o passar dos anos, a EAD tem mostrado um crescimento robusto, abrindo novos caminhos pedagógicos.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) revelam que, entre 2009 e 2019, as matrículas em cursos a distância tiveram um aumento de 378,9%. Em contraste, o ensino presencial cresceu apenas 17,8% no mesmo período. Em 2019, impressionantes 63,2% das vagas para educação superior foram preenchidas por cursos EAD. Notavelmente, a maior parte desses cursos é ofertada por Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. Kenski (2009) destacou o crescimento das IES credenciadas para EAD, e dados de 2020 mostram um aumento ainda mais expressivo, com uma predominância de instituições privadas.

Este cenário de crescimento acelerado da EAD, principalmente nas instituições privadas, traz à tona preocupações relativas à qualidade do ensino. Apesar da expansão e das oportunidades que a modalidade proporciona, é crucial refletir sobre a qualidade da formação oferecida, especialmente considerando que muitos cursos podem ter um caráter puramente instrucional, sem a necessária

interação com um mediador.

Dentro deste panorama, o papel do tutor/mediador/facilitador torna-se central. Estes profissionais têm a responsabilidade de garantir que os materiais e métodos sejam adequados às necessidades dos estudantes. Conforme Borges e Souza (2012, p.2), um tutor eficaz pode promover a construção autônoma do conhecimento pelo aluno, mesmo em um ambiente virtual. Para isso, o tutor precisa reunir uma combinação de habilidades, como motivação, ética e comprometimento.

Este artigo tem como objetivo explorar a influência dos facilitadores nos encontros síncronos, conhecidos como Lives, e como a afetividade interage com o aprendizado. Também busca analisar situações didáticas específicas da EAD, avaliando sua contribuição para os processos de ensino e aprendizagem. A metodologia adotada para a pesquisa e os resultados obtidos serão detalhados nas seções subsequentes.

Apresentação da UNIVESP

A Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) é uma instituição de ensino superior de educação a distância, criada pela Lei nº 14.836, de 20 de julho de 2012, mantida pelo Governo do Estado de São Paulo. Tem por objetivo o ensino, a pesquisa e a extensão, obedecendo ao princípio de sua indissociabilidade, integrados pelo conhecimento como bem público.

Atualmente possui mais de 31 mil alunos (UNIVESP, 2020a). Quanto ao perfil do aluno, 75% destes são provenientes da rede pública de ensino; 57% são do sexo feminino; 36% já concluíram outro curso de Ensino Superior; 41% se declararam pretos, pardos e indígenas e 38% são responsáveis pela renda familiar. Sobre a renda média dos alunos, 31%

declararam receber entre 1 e 2 salários-mínimos e 23% deles entre 2 e 3 salários-mínimos (UNIVESP, 2020b).

MÉTODO

Com a finalidade de identificar as ações dos facilitadores que influenciam as aprendizagens dos alunos no EAD da UNIVESP, utilizamos como metodologia um estudo exploratório com pesquisa de campo realizada entre alunos de disciplinas regulares, do Projeto Integrador (PI) e da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da UNIVESP. Os alunos que participaram da pesquisa são graduandos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Letras e Engenharia da Computação, distribuídos conforme apresentado na Figura 1 a seguir.

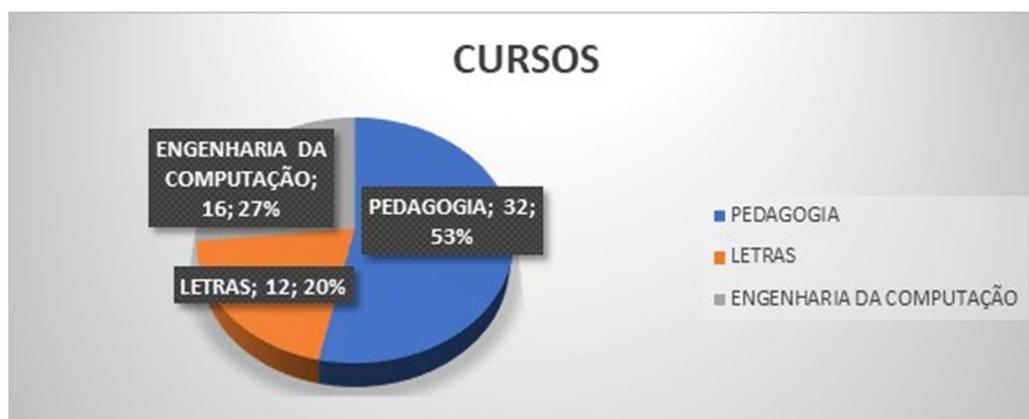


Figura 1 – Cursos dos Participantes da Pesquisa

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

A pesquisa utilizou uma abordagem instrumental plurimetodológica, composta por um questionário de associação livre e entrevistas semiestruturadas. O questionário de associação livre

solicitava aos alunos que expressassem de maneira livre 5 palavras ou expressões que viessem à sua mente quando lhes fosse apresentada a frase: “Ações de facilitadores que influenciaram a minha aprendizagem nas Lives.”

O questionário e o convite para participar das entrevistas foram divulgados pelos pesquisadores, de forma aleatória, em suas turmas de atuação. Para responder ao questionário da primeira fase, divulgamos 3 links do aplicativo “Google Forms”, contendo o mesmo questionário um para os alunos de disciplinas regulares, um para os alunos do Projeto Integrador (PI) e um para os alunos da disciplina de TCC do curso de Pedagogia. Responderam aos questionários 28 alunos de disciplinas regulares, 7 alunos de PI e 26 alunos de TCC do curso de Pedagogia, totalizando 61 alunos.

Reforçando nossa responsabilidade ética, solicitamos a concordância explícita dos participantes no início do formulário, garantindo assim que estavam cientes e de acordo com sua participação. Todas as informações de natureza sensível ou específica, foram retiradas para evitar à identificação dos participantes. Diante desta natureza não invasiva e anônima da pesquisa, e em consonância com a Resolução CNS nº 510/2016, ponto VII que menciona pesquisas que objetivam o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, sem revelar dados identificáveis do sujeito, presume-se que não seria necessário submeter o estudo para apreciação ética.

Com a coleta de dados concluída, o processo de análise quantitativa das palavras foi composto pelas seguintes etapas: reunião dos dados coletados pelos questionários; normalização das palavras; construção de um Corpus textual e identificação das cinco palavras mais evocadas.

A primeira etapa foi realizada manualmente, cada questionário

armazenou as respostas em um arquivo de tabela no formato Excel (xlsx). As palavras de todas as tabelas foram extraídas, gerando um arquivo final no qual as palavras foram ordenadas alfabeticamente e variações semelhantes de uma mesma palavra foram alteradas para facilitar a análise dos dados. Por exemplo, plural e singular foram ajustados de acordo com a quantidade de cada exemplo, palavras com tempos verbais diferentes foram alteradas para o infinitivo e desvios gramaticais encontrados também foram corrigidos.

A segunda etapa de normalização foi realizada com uso do software Stata (versão 14). O propósito dessa etapa foi unificar as palavras com o mesmo sentido. Assim, buscou-se remover as variações das palavras para diminuir a probabilidade de repetição. Por meio de comandos, todos os acentos foram removidos, cedilhas, espaços excedentes e todas as palavras foram convertidas para maiúsculas.

A última etapa consistiu na construção de um corpus textual no Bloco de Notas do Windows. Submetemos o corpus textual de palavras à análise do aplicativo Imurateq (Versão 0.7 Alpha 2, utilizando o R-3.5.1-win) que gerou uma nuvem constituída de palavras com frequência igual ou maior que 4, como podemos observar na figura 2 a seguir.

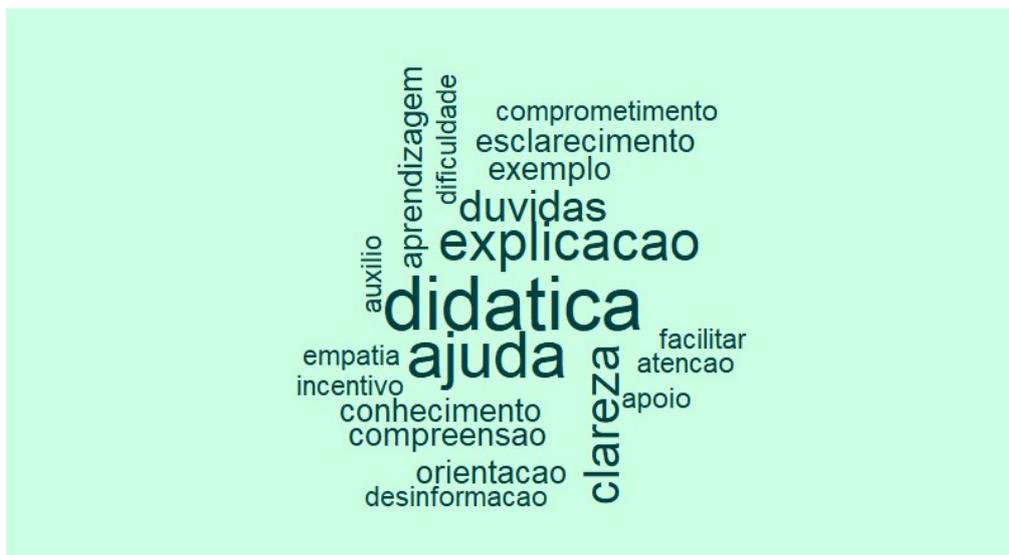


Figura 2 – Nuvem de palavras evocadas com frequência igual e/ou maior que 4
Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

A partir do levantamento das 145 palavras evocadas, destacamos as cinco mais frequentes: **Didática**, **Ajuda**, **Explicação**, **Clareza** e **Dúvidas**, que passaram a constituir um campo semântico para a pesquisa. A distribuição e frequência das palavras mais evocadas podem ser observadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Palavras mais evocadas

Palavra	Frequência
Didática	15
Ajuda	11
Explicação	9
Clareza	8
Dúvidas	7

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Para as entrevistas, aguardamos a manifestação de aceite dos primeiros alunos e/ou alunas de cada instância, distribuindo-os (as) para que cada pesquisador realizasse uma entrevista.

As cinco entrevistas semiestruturadas da segunda fase da pesquisa foram realizadas por meio de videoconferências, utilizando o aplicativo “Google Meet”, e de envio de mensagens, pelo aplicativo “WhatsApp”. Gravamos e/ou filmamos as entrevistas, transcrevendo-as posteriormente para submeter seu conteúdo à análise.

Os alunos e alunas participantes da pesquisa não foram identificados nominalmente. Nas transcrições das entrevistas, para registro das informações, utilizou-se das variáveis P1, P2, P3, P4 e P5, escolhidas aleatoriamente para identificá-los.

A análise das respostas às entrevistas foi realizada de forma qualitativa, a partir da apuração e sintetização dos sentidos fornecidos pelos alunos entrevistados às palavras mais frequentemente evocadas pelos alunos que responderam ao questionário de associação livre na primeira fase da coleta de dados.

RESULTADOS

Com a finalidade de perceber quais foram as ações dos Facilitadores que influenciaram as aprendizagens, apresentamos a identificação dos sentidos que os participantes da pesquisa atribuíram às palavras mais evocadas na coleta de dados, analisando cada palavra.

Didática

Quando discorreram sobre a palavra “didática” nas entrevistas, os alunos trouxeram considerações conceituais sobre o termo, atribuindo

o seu sentido à forma como o professor ou o facilitador apresenta ou “dá” a aula, como ele apresenta o conteúdo e se faz entender ao trabalhá-lo junto ao aluno, ou seja, nesse sentido seria possível apresentar uma aula com ou sem didática. Porém, as afirmações que os alunos fazem nas entrevistas também trazem para o termo “didática” um sentido de característica ou qualificação, que eles atribuem ou não aos professores e facilitadores.

O P5 diz que a grande maioria dos facilitadores que ele conheceu, conseguiram ter didática, que ele define como “apresentar os assuntos com clareza, objetividade e conhecimento”. A P1 diz que os alunos de sua turma reclamaram sobre a didática dos professores, citando em um determinado momento que um professor não tinha didática.

Em outros momentos, os alunos relacionam a didática a algumas ações que tornamos assuntos das aulas mais compreensíveis. A P3 diz que a Facilitadora da disciplina de estatística tinha uma didática excelente, pois dominava o assunto e que é muito importante que o Facilitador tenha uma boa didática e tenha facilidade para explicar. Ela aponta que existe diferença entre um Facilitador que domina o assunto e outro que apenas leu o conteúdo, pois o que apenas leu não consegue se expressar para além do que está escrito. Se o aluno faz uma pergunta ele não consegue dar um exemplo. Ela diz: “...se você faz uma pergunta...muitas vezes você acaba deixando-o com dúvida. Quando o Facilitador domina o assunto, pode-se fazer qualquer pergunta que ele procura buscar a resposta.”

A P3 cita o exemplo de uma facilitadora que a ajudou a entender o conteúdo de uma disciplina de Filosofia, utilizando metáforas para que ela entendesse o “Mito da Caverna”. Afirma que a facilitadora tinha uma forma de explicar bem interessante. A facilitadora ajudou a compreender o sentido do conteúdo de filosofia “fazendo ligações

filosóficas". Ela diz: "A Facilitadora tinha uma didática perfeita, pois conseguia explicar os conteúdos".

As falas dos alunos participantes da pesquisa também trazem os sentidos do termo "didática" para uma dimensão de interação e proximidade. Assim, a didática melhor é a de quem está mais próximo. Nesse caso, os facilitadores que têm mais contato com os alunos, transmitem nessa relação de proximidade e interação, abordagens que parecem ser mais bem entendidas e apreendidas.

Assim sendo, a P1 diz que alguns alunos afirmaram que a didática dos facilitadores foi mais satisfatória comparada à dos professores: "muitos alunos se sentiram mais confortáveis, ou melhor tiveram o melhor aproveitamento com as explicações dos facilitadores do que com os próprios professores nas aulas" (P1). Alguns achavam que os professores só liam os slides e que por isso a didática dele para as aulas gravadas não era tão boa. "...não sentia que o professor dominava tanto assunto ou, pelo menos, naquele momento que ele conseguia fazer valer o que ele queria passar, ele não conseguia passar o conteúdo de uma forma que fosse satisfatória para os alunos".

A P3 afirma nesse sentido:

A didática é muito importante para um facilitador, pois ele é a ponte entre o aluno e o professor da matéria que não tá ali para tirar as dúvidas dos alunos. No EAD, o professor não está ali, ele vai colocar a matéria de uma forma mais simplificada possível que ele possa, mas não estará presente para tirar sua dúvida.

A P3 diz que uma Facilitadora tinha uma didática impressionante, pois mesmo sendo formada em Biologia e não na área da disciplina em que ela atuava, conseguiu resgatar conhecimentos prévios necessários para o entendimento do que estava sendo estudado. Nesse caso,

percebemos também empatia na atuação da facilitadora, colocando-se no lugar dos alunos e alunas que estavam tendo dificuldades para aprender algo que para ela também havia sido um desafio. A P3 compara a experiência ao ensino de matemática para crianças das séries iniciais utilizando material concreto e cita:

A professora de matemática ela era uma estatística e ela não conseguiu passar para gente... ela sabia muito, você não tinha dúvida, mas ela não conseguia transmitir para gente (...) como se você vai dar aula para o primeiro ano... você começa a dar lá... uma bolinha duas, bolinhas... Ela... na estatística ela fez isso... ela foi lá do início explicou... explicou, fez uma linha... até a gente conseguir resolver aquele que a gente precisava (...) quando você estuda no EAD, você tem o professor ali, te explicando no vídeo, mas ele não... você não tem um acesso ali para tirar as suas dúvidas... na hora que você tem... você ouve... às vezes você ouve três, quatro vezes, aquele vídeo, mas você não consegue, você sozinho... porque ele não vai responder aquilo que você tá com dúvida. Você vai jogar isso para o facilitador... aí você vai lá no fórum e joga isso para ele.

Ainda atribuindo o termo didática às formas de abordagem dos conteúdos das disciplinas, a P4 ressalta que as formas de abordagens de um mesmo conteúdo diferem de um Facilitador para outro e que ela gostaria que houvesse uma continuidade na forma de apresentação das Lives nesse aspecto. Cita um exemplo:

...uma das Lives que eu participei, o facilitador dominava o assunto, então foi muito fácil, fluiu bem e quase tudo o que eu perguntei eu consegui ter uma luz. Depois eu tive que pesquisar mais. Agora numa outra, o facilitador estava dando respostas de atividades, não diretamente, mas estava auxiliando os alunos em uma atividade que valia ponto. Eu já até tinha realizado a atividade e eu achei que não foi interessante para mim.

Enfim, a P4 concluiu que gostaria que a UNIVESP orientasse os Facilitadores para que não houvesse muitas diferenças entre as formas de abordagem dos conteúdos nas Lives.

Ajuda

O termo “ajuda”, foi relacionado inicialmente com o sentido de “auxílio”, “reforço”, “suporte” aos conteúdos e temáticas estudados nas disciplinas. A P1 afirmou que considera a Live um recurso que ajuda os alunos na compreensão, no entendimento, na reflexão e na fixação das videoaulas. Ela diz “...é inquestionável a oportunidade que os facilitadores nos dão de ter ali um momento síncrono, um momento de refletir, de conversar com alguém sobre o que foi passado na aula é muito bom.”

A P3 associa os sentidos dos termos “didática” e “ajuda” ao afirmar que não adianta ter a didática e não ter vontade ou disponibilidade de ensinar e ajudar o aluno. Ela afirma também que o aluno de EAD é solitário e precisa de ajuda dos Facilitadores e dos colegas de turma. Ela diz:

O EAD é uma coisa de solitária. Embora você tenha algum grupo... agora eu vejo lá... na pedagogia não lembro, não participei, mas, a engenharia, matemática, eles têm grupos que se juntam... de alunos... então o que sabe mais ensina. Eu até fiz isso com o grupo aqui mais fechado meu... então explicava para o pessoal que não tinha tempo de estudar tudo... mas essa ajuda do facilitador, ela vem aí grudadinho com a didática... acho... porque não adianta você saber e não passar... não ajudar.

A P4 afirma a mesma ideia, dizendo: “...porque uma faculdade a

distância, ela te priva de algumas interações e, no caso do facilitador, é bacana porque acaba sendo um auxílio para a gente sentir uma proximidade na hora de estudar.”

A P5 também atribui o mesmo sentido ao termo “ajuda” e cita:

Ajuda isso é uma coisa muito importante ... é auxiliar estar pronto a querer prestar um favor um auxílio isso também percebi bem nos facilitadores desse semestre, foram prontos tanto na ferramenta de fórum quanto também nas Lives, audiovisuais e nos e-mails. É você poder colocar sua dúvida sua pergunta e eles estarem prontos a ajudar a correr atrás da informação, pegar e traduzir aquela informação e trazer até a minha pessoa, eu achei realmente a ajuda deles algo muito importante.

A P2 diz que o sentido de “ajuda” é Compreensão, trazendo um tom de empatia para a atuação dos Facilitadores.

Explicação

O sentido da palavra “explicação” é complementar ao sentido das outras palavras evocadas. A P1 diz que os Facilitadores explicam as questões que não haviam sido entendidas, e que quando eles não têm as respostas, ficam de trazê-las posteriormente para as Lives. Ela traz novamente o aspecto interacionista e proximal, dizendo que com os professores autores das disciplinas não existe a oportunidade para os alunos pedirem explicações, pois as videoaulas são assíncronas. Ela aponta:

Então, se você fica com uma dúvida, você tem que ali buscar lendo os textos, buscando no vídeo ou levando no fórum ou esperar exatamente a Live dos facilitadores que eles assim quase sempre nos explicam tudo que nós questionamos e quando eles não têm as respostas eles,

é... ficam de nos dar essa resposta posteriormente caso eles não saibam ali na hora então acho que a explicação é isso nas aulas assíncronas dos professores, nós não temos oportunidade de né? questionar que é uma característica do EAD mas nós não temos a oportunidade lá de explicar de pedir uma explicação na hora de alguma dúvida e a Live com os facilitadores nos permite isso.

A P3 conta que numa disciplina de matemática, os alunos não haviam entendido o assunto e a Facilitadora que era da área de Biologia pesquisou e trouxe material para as Lives e conseguiu levá-los a compreenderem a matéria. Ela afirma “...então a explicação do facilitador, nessa matéria foi assim... o divisor para muita gente.”

A P4 diz que sentiu carência em algumas Lives nessa questão de explicação. Ela conta que os facilitadores anotavam algumas questões e aí ficava complicado encontrar de novo aquele mesmo facilitador e voltar para saber o que tinha sido pesquisado a respeito da pergunta que ela havia feito. Então a explicação para ela ficou vaga na maior parte das Lives que havia participado.

Em contrapartida, a P5 discorre sobre a dedicação de alguns Facilitadores que disseram a ela que haviam se dedicado a estudar certos assuntos para ensinarem aos alunos nas Lives. Ela diz:

...a explicação tem muito a ver com a didática a gente vê que elas interagem muito com isso e essa pré-disposição... a gente pegar a segunda palavra ajuda e a predisposição do facilitador em querer realmente estar orientando tentar ali ver a dúvida do aluno, interagir com essa dúvida e poder explicar este conteúdo para que ele se torne mais compreensível.

Clareza e dúvidas

Para definir o termo “clareza” os alunos recorreram à ideia de tornar claro, ou seja, tornar compreensíveis partes dos conteúdos das

disciplinas em que havia “dúvidas”. Pelo fato de os alunos terem apresentado atribuições de sentidos para essas duas palavras, contrapondo-as, unimos as considerações sobre as duas palavras em um só ponto. Como afirma a P1 “...essas palavras acabam fazendo assim parte dessa mesma ideia de que a Live com os facilitadores nos permite e sim realmente esclarecer todos os pontos que ficam lá na dúvida.” Ela acrescenta que quando surgem as dúvidas, às vezes reler os textos ou reassistir as videoaulas não são suficientes. Ela diz: “...porque às vezes mesmo relendo ou reassistindo você não consegue eliminar, cê precisa conversar com alguém sobre aquela dúvida e às vezes nessa conversa você consegue clarear tudo ali, aí faz sentido.”

Nesse sentido, a P3 acrescenta que pensa ser o papel do Facilitador sanar as dúvidas dos alunos, através dos fóruns e debates nas Lives. Porém, um outro sentido para a palavra “clareza”, segundo ela, tem a ver com um outro papel que ela atribui ao Facilitador, o de ponte entre o aluno e a UNIVESP. Ela cita: “...o facilitador ele tanto é a ponte entre o aluno e o professor como ele também é a ponte entre o aluno e a UNIVESP.” E então ela conta um exemplo de situação em que a professora de uma disciplina pediu um trabalho que ela e a turma só compreenderam a partir da intervenção de um facilitador. “...E aí, o facilitador veio... com aquela clareza... ele veio trazer para gente... olha, não é assim... na verdade, é um texto que vocês vão fazer, um planejamento de aula... aí eu falei: bom, se é um planejamento de aula eu sei fazer.”

A P3 aponta que essa função do Facilitador de “clarear” tornou-se especialmente importante em tempos de pandemia da COVID-19. “...tem muitos alunos, principalmente depois dessa pandemia, que tiveram... assim... muitos problemas. Desde problema de trabalho profissional, pessoal... e é muita matéria.” Ela diz também que a clareza não é só em relação aos conteúdos, mas também intervenções por

parte dos Facilitadores que ajudam os alunos a perceberem formas de executarem as atividades propostas pelos professores nas disciplinas. Essas intervenções muitas vezes assumem formas de mediações entre alunos e professores, que na visão dessa aluna, fazem muita diferença. Ela lamenta o fato de Facilitadores que fazem um bom trabalho fiquem apenas por um período de um ou dois anos.

Então, às vezes, você pega, exemplo, às vezes você pega um facilitador que realmente dá Graças a Deus que ele foi embora, mas às vezes pega alguns, e muitos deles comprometidos...que faz falta... faz muita falta para gente. Então eu acho que, primeiro, nesse caso da dúvida, deveria ter uma maior estabilidade para o facilitador. Deveria ter aí um contato com os alunos, vê o que acharam do facilitador. Se facilitador tivesse bastante... que nem, essa menina de estatística, de Biologia, é uma pena ela ir embora, por quê? Porque vem o pessoal aí atrás, que vai fazer estatística e vai ter dúvida. Todo mundo que for fazer estatística vai ter dúvida da pedagogia. E ela fez um trabalho excelente.

Os mesmos sentidos são trazidos pela P4.

Clareza... essa questão eu acho bacana, o que foi possível me esclarecer, das minhas dúvidas, foi bem claro. Justamente esse contato direto é bacana por isso, quando a gente consegue alinhar o que estou tendo de dúvida com o que o facilitador trouxe para o debate na videoaula é bacana porque esclarece mesmo aquele assunto, não fica dúvida. É diferente de você só ficar lendo ou assistindo a uma aula gravada.

A P5 e a P2 definem clareza como uma característica dos Facilitadores de serem objetivos, e fáceis de entender. A P2 define assim: "Facilidade, algo fácil de entender." A P5 diz:

...boa parte também dos facilitadores nesse semestre eles tinham isso, né clareza, sabia eram objetivos e sabiam se fazer entender. Porque é uma grande dificuldade quando a gente trabalha com o ensino, né, ensino aprendizagem é fazer claro que fazer entender porque muitas vezes a gente chegar à frente de um quadro de uma lousa né? (...) conteúdo isso só em si não é, não ajuda o aluno, mas você pegar e colocar esse conteúdo e acessível ao aluno demonstra clareza, aí um bom exemplo é isso o aluno está andando num corredor escuro dependente de alguém acenda uma lanterna vai ajudar ele caminhar e boa parte dos facilitadores, além da lanterna, conseguiu ligar a iluminação do corredor toda para que não só a gente conseguisse percorrer o corredor.

O sentido que a P2 traz para o termo “dúvidas” é “Empecilho, algo que impede de prosseguir.”

A P5 menciona em sua entrevista que os Facilitadores muitas vezes também exercem um papel de instigadores a partir dos conteúdos das disciplinas, o que ela aponta como “gerar dúvidas” para depois trazer explicações que auxiliam no entendimento dos assuntos das disciplinas. Ela diz:

... nisso daí eu tenho que parabenizar realmente os facilitadores desse semestre porque além de gerarem dúvidas eles também atuaram em cima da dúvida para dirimir para trazer clareza para trazer a explicação sobre essas dúvidas e fazer compreender a matéria e para que nós alunos pudéssemos entender e saber realmente o que que estava acontecendo.

DIDÁTICA E DISTÂNCIA TRANSACIONAL

Conforme mencionado na seção metodologia, a palavra mais citada foi "didática", relacionada intrinsecamente a termos como ajuda,

explicação, clareza e dúvidas. Didática é frequentemente usada por estudantes ao falar sobre métodos de ensino, sugerindo que alguns professores possuem essa característica, enquanto outros não. Segundo Marin (2011, p. 16), didática refere-se à "área pedagógica dedicada à docência", variando conforme a disciplina e modalidade de ensino. Ela aborda desde relações de ensino até investigação sobre procedimentos educativos (MARIN, 2011, p. 18). Na Educação a Distância (EAD), a didática envolve equipes multidisciplinares, como visto na UNIVESP. Alves, Janette e Schneider (2019) destacam a importância das interações na EAD, vinculadas ao uso de tecnologias. Moore (2002) define a EAD não apenas pela separação geográfica, mas por relações específicas entre alunos e professores. Ele discute modelos antigos de EAD, como cursos por TV e áudio, comparando-os com modelos mais interativos, onde a distância transacional é reduzida (MOORE, 2002, p. 2).

A distância transacional é um aspecto bastante específico da didática na Educação a Distância. Em 2002, ainda que o uso e o desenvolvimento de ferramentas de teleconferências fossem bastante incipientes, Moore (2002) já apontava para a relevância dessa estratégia pedagógica e o seu potencial para redução da distância transacional:

A teleconferência permite uma nova forma de diálogo que pode ser chamado "diálogo entre alunos". O chamado diálogo entre alunos acontece entre alunos e outros alunos, em pares ou em grupos, com ou sem a presença de um professor em tempo real. Por audioconferência, videoconferência e conferência por computador, os grupos aprendem através da interação intergrupos e intragrupos [...] Há implicações tremendamente significativas neste potencial em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Em particular, este diálogo entre alunos, intergrupos e

intragrupos, permite que alunos a distância compartilhem a construção do conhecimento [...] Grupos e “grupos virtuais” também oferecem a oportunidade de exercícios orientados para o desenvolvimento de habilidades de análise, síntese e crítica do conhecimento, assim como testagem e avaliação (MOORE, 2002, p. 9-10).

No escopo deste trabalho, buscou-se compreender as ações de facilitadores que favorecem a aprendizagem dos estudantes da UNIVESP. Nas respostas dos participantes às entrevistas encontram-se algumas reflexões a respeito da distância transacional, tais como apresenta o P1, tecendo uma crítica às aulas assíncronas:

as aulas são assíncronas e não temos a oportunidade, às vezes, de questionar[...] alguns achavam que os professores só liam os slides e que por isso a didática dele pelo menos para essas aulas gravadas não eram tão boa, porque não sentia que o professor dominava tanto assunto ou pelo menos naquele momento que ele conseguia fazer valer o que ele queria passar (P1)

Além disso, aponta que houve:

muitas reclamações sobre a didática dos professores e muitos alunos sentiram-se mais confortáveis, ou melhor tiveram o melhor aproveitamento com as explicações dos facilitadores do que com os próprios professores nas aulas (P1)

O P1 valoriza os momentos síncronos com os facilitadores:

A oportunidade que os facilitadores nos dão de ter ali um momento síncrono, um momento de refletir, de conversar com alguém sobre o que foi passado na aula é muito bom. Então, assim, no caso dessa palavra ajuda muito a fixação da matéria, ao entendimento, uma reflexão (P1).

As tecnologias permitem a transição dos grupos de estudo no ensino presencial para a EaD, uma outra forma de estabelecer conexões e diminuir a solidão. Os grupos virtuais entre estudantes e o processo de ensino e aprendizagem que se estabelece pela ajuda mútua, no compartilhamento e construção coletiva de conhecimentos, se destaca na fala do P3:

E o aluno EAD ele é aquele aluno que, quando ele tenha dúvida ele precisa muito do facilitador. É a única pessoa que tá ali para tirar dúvida dele. porque ele é um aluno sozinho. O EAD é uma coisa de solitária. Embora você tem algum grupo [...] agora eu vejo lá [...] na pedagogia não lembro, não participei mas, a engenharia, matemática, eles têm grupos que se juntam... de alunos... então o que sabe mais ensina. Eu até fiz isso com o grupo aqui mais fechado meu... então explicava para o pessoal que não tinha tempo de estudar tudo

De acordo com Maggio (2001, apud COSTA, 2016, p. 65-66), nas perspectivas pedagógicas atuais, “o docente cria propostas de atividades para reflexão, apoia sua resolução, sugere fontes de informação alternativas, oferece explicações, favorece os processos de compreensão; isto é, guia, orienta, apoia”. Por sua vez, o tutor promove a realização de atividades e apoia a sua resolução, não apenas mostra a resposta correta, mas também oferece novas fontes de informação e favorece a compreensão (COSTA, 2016). Na UNIVESP, adota-se a nomenclatura de “facilitador” a esse ator que medeia a relação dos estudantes com o objeto de conhecimento, enquanto ao docente aplica-se a denominação de professor-autor.

A P5, em sua fala, demonstra que o Facilitador para além de promover a realização das atividades e favorecer a compreensão dos

conteúdos, traz a problematização de temáticas aos momentos síncronos para então fazer a mediação com o objeto de conhecimento:

...boa parte dos facilitadores, nesse semestre, né, na hora da Live ou do fórum, eles instigavam a dúvida, né, eles colocavam parte do conteúdo, colocava um pensamento, colocava algo para que por certo pudéssemos estar trilhando naquele momento, justamente para gerar essa dúvida [...] além de gerarem dúvidas eles também atuaram em cima da dúvida para dirimir para trazer clareza para trazer a explicação sobre essas dúvidas e fazer compreender a matéria e para que nós, alunos, pudéssemos entender e saber realmente o que que estava acontecendo.

Ressalta-se também que em relação ao termo dúvidas, a P3, ao explicar a didática de alguns facilitadores que marcaram o seu percurso na universidade, relembra defasagens educacionais para compreensão das disciplinas de filosofia e estatística:

...eu nunca tive filosofia... não essa filosofia, colocada dessa forma que a UNIVESP colocou para gente, já no primeiro semestre do curso. E aí eu precisei muito da ajuda dessa facilitadora [...] ela assim... usou muitas metáforas para poder explicar... porque realmente... não só eu, como muita gente não entendia aquela filosofia. Porque quem não teve, ou teve pouco, não consegue fazer aquela ligações filosóficas que exige...[...] hoje, já no último ano, eu pego matérias filosóficas e eu consigo entender aquilo tudo, mas na época quando eu entrei, eu já muito tempo sem estudar, eu não conseguia e a facilitadora, na época, foi muito importante para mim; ela tinha uma didática perfeita. [...] eu sou uma pessoa que eu só entendo aquilo que você fala se você domina aquilo que você fala. [...] E ela tinha uma didática para explicar que... assim... eu aprendi estatística com ela, e ela não é nenhuma professora de matemática, hein!

então ela era uma pessoa de biologia dando estatística, sendo a facilitadora da matéria de estatística e ela teve uma didática impressionante.[...] Então eu acho que a didática, para um facilitador, ela é muito importante, uma vez que o facilitador, ele é a ponte entre você, o aluno, e o professor da matéria que não tá ali para tirar suas dúvidas, no caso da estatística... não era um texto que você leu e você entende, você tá com dúvida. Eram contas, eram cálculos que você tinha que fazer, eram matérias anteriores que você tinha que saber... e que nós não sabíamos. [...] Ela fez um planejamento de aula pra poder nos ajudar... ela foi uma professora para nós.

A didática, seguindo Marin (2011), leva em consideração fatores externos que impactam a educação, desde aspectos sociais a políticos e econômicos. A educação básica pode influenciar diretamente o ensino superior, destacando a importância dos facilitadores na superação de desafios dos estudantes. Na EAD, a simples disponibilização de material didático pode não ser suficiente para garantir a aprendizagem. A interação com os tutores proporciona uma relação essencial para o estudante, pois somente outro ser humano pode oferecer uma contribuição rica em experiências e subjetividade. (BEZERRA; CARVALHO, 2011, p. 241). Assim confirma a P1

...claro que sempre tem alguma dúvida e porque às vezes mesmo relendo ou reassistindo você não consegue eliminar, você precisa conversar com alguém sobre aquela dúvida e às vezes nessa conversa você consegue clarear tudo ali, aí faz sentido, eu acho que essa é a ideia da clareza que os alunos colocaram.

Entretanto, essas mediações não passam livres de críticas, as quais se fazem de modo construtivo, a se pensar formas de melhorar as relações:

...você acompanha um facilitador em uma live e outro em outra live e você vê uma forma de debate muito diferente. Então, por exemplo, eu gostaria de ter um facilitador ou vários que dessem continuidade, numa forma de estar trabalhando as lives [...] o facilitador estava dando respostas de atividades, não diretamente, mas estava auxiliando os alunos em uma atividade que valia ponto. Eu já até tinha realizado a atividade e eu achei que não foi interessante para mim. (P4)

Nem todos tem didática... mas os que tem... eu peguei alguns facilitadores que eles acabaram me ajudando no meu caso muito, porque às vezes você não consegue entender o que o professor tá falando [...] (P3)

De acordo com Marin (2011) a didática é composta por conhecimentos e saberes adquiridos por diversos meios, inclusive pela formação escolar, pelo percurso como estudante, além dos conhecimentos construídos nas disciplinas de formação de professores. “Quando se diz que tem didática é porque se reconhece que o professor sabe ensinar bem, de um modo que os alunos aprendem”, o contrário “significa que o professor tem alguns conhecimentos, porém eles não são suficientes para exercer bem a função, de modo que os alunos aprendam” (MARIN, 2011, p. 17).

Os facilitadores da UNIVESP são mestrandos e doutorandos das universidades públicas do estado de São Paulo (USP, UNICAMP e UNESP), sendo que nem todos estão vinculados a programas na área da educação ou sem que necessariamente já tenham passado por formação em licenciatura. Paralelas às atividades de facilitação das disciplinas da graduação, a UNIVESP oferece aos Facilitadores o curso de formação para mediação didático-pedagógica na educação a distância, o que pode contribuir com a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem, trazendo um novo perfil docente para aqueles que só possuem o título de bacharel ou tecnólogo: seriam professores que aprenderam e tiveram a oportunidade de vivenciar a teoria e

prática dos processos de ensino, visto que as práticas didáticas tanto variam a depender das experiências vivenciadas por cada um, como também pelo grau de afinidade com a disciplina facilitada, pois, segundo Costa (2016, p. 69), “o tutor deve ter formação básica no curso sobre o qual ele prestará tutoria e, seus conhecimentos, não devem ser diferentes dos que precisa um bom docente”.

De todas as lives que eu participei, algumas eu senti carência nessa questão de explicação, porque os Facilitadores anotavam algumas questões e aí para mim ficava complicado seguir de novo aquele Facilitador e voltar para saber o que tinha sido pesquisado a respeito da pergunta que eu fiz. Então a explicação para mim ficou vaga na maior parte das lives que eu participei.
(P4)

Se por um lado a P3 ressalta o quão significativas foram as intervenções na disciplina de estatística da facilitadora, cuja área de formação era em biologia, considera-se que ela possuía as habilidades necessárias a uma boa docente. Por outro lado, a P4 aponta para certo descontentamento quando a resposta ao seu questionamento não era imediata. Em vista disso, assume-se que o ideal é que sejam combinados os conhecimentos da área de formação do Facilitador nas disciplinas ministradas com uma boa intervenção. Ademais, o curso de formação didático-pedagógica para a educação a distância, oferecido aos Facilitadores da UNIVESP, tende a melhorar as práticas pedagógicas dos potenciais professores do ensino superior de áreas não correlatas à educação.

A P3 apresenta uma observação sobre a fragilidade e provisoriedade do vínculo do Facilitador com a instituição, o que é alvo de crítica:

...a UNIVESP contrata o facilitador... agora eu acho que é mais tempo, mas no início era um ano. Ele começava lá em fevereiro para a gente. Quando era em dezembro ele ia embora... no outro ano era outra pessoa. Então, às vezes, você pega, exemplo, às vezes você pega um facilitador que realmente dá Graças a Deus que ele foi embora, mas às vezes pega alguns, e muitos deles comprometidos... que faz falta... faz muita falta para gente. Então eu acho que, primeiro, nesse caso da dúvida, deveria ter uma maior estabilidade para o facilitador.

A elucidação das palavras mais citadas no questionário, proporcionada pelas entrevistas, trazem elementos suficientes para avaliar que o facilitador em momentos síncronos contribui com a aprendizagem dos estudantes da universidade, sendo a didática a categoria de destaque no processo de facilitação das disciplinas. Isso se faz pela natureza interacional desses espaços que reduz a distância transacional e na possibilidade que esses encontros trazem da construção coletiva do conhecimento.

A PESSOA DO FACILITADOR NA EAD: UMA PRESENÇA NECESSÁRIA

É sabido que o contexto da EAD exige várias competências do estudante, como organização, planejamento, gestão do tempo, disciplina, comunicação, reflexão, presencialidade virtual, autoavaliação, automotivação, flexibilidade e trabalho em equipe (BEHAR e SILVA, 2012). Há, entretanto, mais um aspecto nesse cenário, que perpassa o cotidiano do estudante, podendo impactar profundamente o seu empenho escolar. Trata-se da solidão. Uma espécie de “solidão pedagógica”, verbalizada por uma das participantes da pesquisa: “E o aluno EAD ele é aquele aluno que, quando ele tem dúvida ele precisa muito do facilitador. É a única

peessoa que tá ali para tirar dúvida dele. Porque ele é um aluno sozinho. O EAD é uma coisa de solitária. Embora você tenha algum grupo...”

Nessa solidão, apesar do aparato tecnológico – e até de recursos humanos – o aluno se encontra imerso, acompanhado de suas diárias demandas familiares, profissionais e domésticas. Em sua pesquisa, Walker (1993, p. 23 *apud* BELLONI, 2009, p.40) já apontou esse fenômeno:

Uma imagem dominante é a do silêncio, tranquilidade e solidão. Um tema recorrente é o tempo de estudo: tarde da noite, quando as crianças estão acomodadas, o marido vendo televisão na sala (muitos estudantes são mulheres), está escuro lá fora, pode haver um cão ou um gato por perto, a cozinha está limpa e arrumada, os lanches para o dia seguinte estão prontos na geladeira, e a estudante arranja um espaço na ponta da mesa, desarrumando o mínimo possível a mesa posta para o café da manhã. Os livros estão abertos e o “estudo” pode começar.

As instituições de EAD têm trabalhado para aprimorar seus Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), buscando potencializar a participação dos alunos. No entanto, como indicam Dias e Ferreira (2020, p. 546), muitas escolas e universidades, principalmente durante a pandemia, utilizam ferramentas digitais sem ter tempo para testá-las ou treinar adequadamente os profissionais. Esse esforço promove acesso à educação, mas a “solidão pedagógica” sugere que algo ainda falta no ensino a distância. Referindo-se a Donald Winnicott, nota-se a importância de ter alguém acompanhando o aprendiz, assim como ele destaca a relevância de uma figura que esteja disponível para satisfazer as necessidades de um bebê. Não é a perfeição, mas a disposição em corrigir falhas que importa, como expresso por Winnicott (1999, p. 87). A figura da “mãe suficientemente boa” atende aos sinais

do bebê, guiando-o no mundo. Para Winnicott (1999, p. 5),

Estas coisas dão ao bebê a oportunidade de ser, a partir da qual podem surgir as coisas seguintes, que têm a ver com a ação, o fazer e o deixar que façam por ele. Aqui estão os fundamentos daquilo que, gradualmente, se torna para o bebê uma existência fundamentada na autopercepção.

A figura "suficientemente boa" tem o objetivo de guiar o ser em desenvolvimento rumo à autonomia, conectando-o com o mundo ao seu redor, mesmo que cometa falhas. Na EAD, essa solidão pedagógica sentida pelos alunos é preenchida pelo Facilitador, que não apenas apresenta o mundo, mas também o interpreta, auxiliando o estudante a construir seu próprio conhecimento. Não é apenas sobre entregar conteúdo, mas ser uma ponte para o aprendizado autônomo. Na EAD, esse Facilitador é crucial para atender às necessidades dos alunos e deve estar presente e engajado, mostrando preocupação com o desenvolvimento dos estudantes, como destacado por um participante da pesquisa sobre a importância da vontade e disponibilidade para ensinar.

AFETIVIDADE COMO ELEMENTO NORTEADOR DA APRENDIZAGEM

A discussão sobre os impactos da afetividade na educação tem seus primeiros registros a partir de 1970, quando Carl Rogers "ofereceu recursos para analisar a questão da afetividade e sua função no processo ensino-aprendizagem" (ALMEIDA & MAHONEY, 2007, p.15). E com o passar dos anos, outros pesquisadores estudaram a matéria, dentre eles Henri Wallon, cuja teoria até hoje embasa a maioria das discussões a respeito do tema.

[...] afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações, desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as dificuldades como as emoções, os sentimentos e as paixões. Em um sentido geral, a afetividade está relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo e pode ser identificada em uma base mais orgânica e outra mais social (TAVARES et al, 2019, p. 25713).

Wallon enfatiza a importância da emoção no desenvolvimento afetivo, influenciado pelas realidades sociais (TAVARES et al, 2019), uma perspectiva que se alinha com as teorias de Piaget e Vygotsky. Piaget sustenta que não existem ações puramente intelectuais ou afetivas (PIAGET 2004, p. 34 apud KOCHHANN & ROCHA, 2015), indicando que afetividade e cognição são intrínsecas e moldadas pelo ambiente. Vygotsky, em sua teoria sócio-histórico-cultural, vê o indivíduo como um ser social desde o nascimento, influenciado tanto biologicamente quanto pelo ambiente, mediado por instrumentos e signos (KOCHHANN & ROCHA, 2015). Ele também destaca a relevância da emoção no aprendizado, pois eventos emocionais são mais memoráveis (Vygotsky 2003, p. 121 apud KOCHHANN & ROCHA, 2015). Wallon reitera que a baixa estimulação emocional pode limitar o desenvolvimento intelectual, enquanto Vygotsky enfoca a importância da mediação no processo de aprendizado. Como se observa no comentário da P3:

Eu nunca tive filosofia... não essa filosofia, colocada dessa forma que a UNIVESP colocou para gente, já no primeiro semestre do curso. E aí eu precisei muito da ajuda dessa facilitadora [...] E ela assim... usou muitas metáforas para poder explicar [...] porque quem não teve, ou teve pouco, não consegue fazer aquelas ligações filosóficas que exige... hoje, já no último ano, eu

pego matérias filosóficas e eu consigo entender aquilo tudo, mas na época quando eu entrei eu já muito tempo sem estudar, eu não conseguia [...]

Sendo assim, o mediador do conhecimento age ligando esses dois intervalos da aprendizagem (Zona de Desenvolvimento Proximal e Nível de Desenvolvimento Real), visto que a ação pedagógica impulsiona as modificações mentais dos alunos facilitando os processos de ensino e aprendizagem.

O nível de desenvolvimento real pode ser entendido como referente àquelas conquistas que já estão consolidadas na criança, aquelas funções ou capacidades que ela já aprendeu e domina, pois já consegue utilizar sozinha, sem assistência de alguém mais experiente da cultura (pai, mãe, professor, criança mais velha etc.). Este nível indica, assim os processos mentais da criança que já se estabeleceram, ciclos de desenvolvimento que já se completaram. (REGO, 1995, p. 72).

O nível de desenvolvimento potencial também se refere àquilo que a criança é capaz de fazer, só que mediante a ajuda de outra pessoa (adultos ou crianças mais experientes). Nesse caso, a criança realiza tarefas e soluciona problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas. (REGO, 1995, p. 73).

A aprendizagem e afetividade estão interligadas na relação professor-aluno. Cunha, Silva e Bercht (2008) enfatizam que o tutor deve cultivar uma abordagem socioafetiva, promovendo confiança e empatia. Favero e Franco (2007, p. 2) destacam que o diálogo pode reduzir evasão em ambientes virtuais, enquanto Oliveira (2009, p. 5) vê a afetividade como fundamental nas relações humanas em um contexto social e cultural. As competências socioafetivas fortalecem os laços

afetivos e promovem um ambiente propício para aprendizagem. Nos cursos da Univesp, devido à duração variada das disciplinas, estabelecer vínculos entre alunos e Facilitadores é um desafio. Entretanto, a fala da P 3 traz alguns elementos relacionados a duas facilitadoras que a ajudou a compreender as disciplinas de estatística e de filosofia que demonstram que por meio da empatia foi possível mobilizar certa afetividade:

na época quando eu entrei eu já muito tempo sem estudar, eu não conseguia e a facilitadora, na época, foi muito importante para mim; ela tinha uma didática perfeita. Ela conseguiu explicar. Eu senti que ela tinha uma disposição de procurar exemplos, de procurar textos e passar texto para gente... que a gente lembra daqueles textos, depois voltando para aqueles textos da Univesp que os professores da Univesp pediam, a gente conseguia entender aquilo [...]

[...] Porque nós sabemos que a matemática é uma coisa, para 99% da população, difícil. A estatística então, é pior ainda. Eu não tinha tido... não lembro de ter tido estatística... eu via no jornal alguma coisa de tempo... isso aqui... população... mas não era uma coisa que eu sabia fazer conta... e essa facilitadora, ela ajudou muito. Ela teve uma didática excelente. [...] Ela fez um planejamento de aula pra poder nos ajudar... ela foi uma professora para nós. Além de facilitar ela facilitou muito porque ela foi uma professora para nós [...]

A afirmação “ela foi uma professora para nós” destaca a relevância da facilitadora não apenas na mediação do aprendizado, mas também no impacto emocional sobre a estudante. Wallon (1995, p. 135) afirma que as emoções criam relações imediatas entre os indivíduos. No EAD, ferramentas como videoconferências e mensagens

são vitais para sustentar a aprendizagem. Fortalecer vínculos emocionais pode aumentar o comprometimento dos alunos, otimizando a participação e o aprendizado. Para Wallon, cognição e afetividade estão interligadas no processo educacional. Simonetto (2013) reforça que a afetividade influencia o ensino e aprendizagem, afetando positiva ou negativamente o processo formativo.

Como exemplo, a P3 revela que em alguns casos a afetividade permeia as relações pedagógicas:

às vezes você pega o jeito da pessoa explicar, a didática da pessoa e aí... a pessoa vai embora. Você se identifica... [...] então acaba que esse não vínculo com a universidade atrapalha a própria Universidade além dos alunos, porque eles vão ter mais reclamação, vão ter mais pessoas com dúvidas. Teve facilitadores que eu gostaria de ter tido aí por mais anos. [...] E não essas trocas que têm aí toda hora, porque isso atrapalha muito aluno. [...] eu acho que se cria essa dúvida nos alunos, por contadessa instabilidade de perder toda hora...de sair entrar toda hora facilitador [...] então eu acho que isso daí... essa instabilidade... eu acho que atrapalha um pouco e acaba gerando muito mais dúvida do que o aluno realmente teria.

Pela fala da P3 e pela grade curricular da IES, é possível presumir ainda que a estruturação das disciplinas regulares por bimestre pode atrapalhar o estabelecimento de vínculos entre facilitadores e estudantes, da mesma forma que a realização de lives no formato de revezamento entre facilitadores pode ter impactos negativos. Considera-se que em termos de recursos humanos, a instituição poderia rever a dinâmica do trabalho pedagógico e criar políticas para a permanência, formação e valorização profissional dos facilitadores, a fim de privilegiar processos que aproximem essas duas pontas (facilitador e aluno) no ensino e aprendizagem na EAD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reflexões apresentadas, identificou-se que as ações dos Facilitadores influenciam significativamente o aprendizado dos estudantes da UNIVESP em encontros síncronos. Os alunos percebem os professores-autores das disciplinas como distantes, sentindo-se solitários no EAD. Os Facilitadores desempenham um papel vital de "ponte", reduzindo a sensação de distância e atuando nas Zonas de Desenvolvimento Proximal dos alunos. Estes Facilitadores estabelecem vínculos afetivos essenciais para auxiliar os alunos a compreender os conteúdos. No entanto, questiona-se se a mudança frequente de Facilitadores e a brevidade dos encontros são adequadas para estabelecer vínculos eficazes. Os alunos da pesquisa destacaram os Facilitadores como atenciosos e proativos na promoção do aprendizado. Conclui-se que, embora as tecnologias sejam benéficas, elas não substituem a necessidade de um mediador humano no processo educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. O que é Afetividade? Reflexões para um conceito. **Anais da XXIV Reunião Anual da ANPEd**. Caxambu, 2001.

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (Org.) **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ALVES, K. V.; ZANETTE, E. N.; SCHNEIDER M. D. Docência na Educação a distância no ensino superior: reflexões na perspectiva dos professores. In: SILVA, A.R.L. (org). **Experiências significativas para educação a distância**. Belo Horizonte: Atena Editora, 2019.

BEHAR, P.; SILVA, K. Mapeamento de competências: Um foco no aluno da Educação a Distância. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, 2021.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 5.ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

BEZERRA, M. A.; CARVALHO, A.B.G. Tutoria: concepções e práticas na educação a distância. In: SOUZA, R. P.; MOITA, F. M. C. S. C.; CARVALHO, A. B. G (orgs). **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

BORGES, F. V. A.; SOUZA, E. R. Competências essenciais ao trabalho de tutoria: Estudobibliográfico. In: **Anais do I Simpósio Internacional de EaD**, 2012. São Carlos, 2012. p. 1-8.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

CARVALHO, Marcellly Reis; LIMA, Rosângela Lopes. A Importância da afetividade na EaD: uma perspectiva de Wallon. **Revista EDaPECI**, v. 15, n. 1, p. 192-205, 2015.

COSTA, I.T.L.G. **Metodologia do ensino a distância**. Salvador: Editora UFBA, 2016.

DIAS, É.; PINTO, F. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. São Paulo, v. 28, n. 108, 2020.

FRANCO, R. V. M.; FAVERO, S. R. K. As categorias que definem a ocorrência de diálogo em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **CINTED-UFRGS – Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 1-9, jun. 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. (2015). Censo da Educação Superior 2014.

KENSKI, V.M. Tecnologia educacional: uma nova cultura de ensino e aprendizagem na universidade. In: **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. Brasília: MEC, 2012.

KOCHHANN, A.; ROCHA, V. A. S. A Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem na Perspectiva De Piaget, Vygotsky e Wallon. In: **IV Semana de Integração**. Goiás, 2015.

MARIN, A. J. Didática geral. In: **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, C. L. A. P. Afetividade, Aprendizagem e Tutoria Online. **ANPED**, 32, Maceió, 2009.

PYTHON SOFTWARE FOUNDATION. Python Language Reference, version 3.8. Available at <http://www.python.org>

RAMOS, M. S. Qualidade da tutoria e a formação do Tutor: Os efeitos desses aspectos em cursos a distância. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância**, 10, Belém, 2013.

RATINAUD, P. **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires (computer software) Disponível em: <http://www.iramuteq.org>

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SIMONETTO, K. C. C. Afetividade na educação a distância sob o olhar de alunos de pós-graduação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2013.

STATACORP. **Stata Statistical Software**: Release 14. Austin: StataCorp LP, 2015.

TAVARES, M. E. P. A.; SOUZA, M. J. A.; LIMA, M. X. M.; COUTINHO, D. J. G. Afetividade: fator indispensável à aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 11, p.25710-25717, nov. 2019

TÉBAR. **O perfil do professor mediador**: pedagogia da mediação. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

TRACTENBERG, L.; TRACTENBERG, R. Seis Competências Essenciais da docência online independente. In: **Anais do Congresso da ABED**, Curitiba, 2007.

UNIVESP. Institucional. Disponível em: <<https://univesp.br/institucional>>. Acesso em: 10jun. de 2020a.

_____. Aprender na prática: Projetos Integradores 2018-2019. São Paulo, 2020b.

WALLON, Henry. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.